

BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO EDUCATIVO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

SCHOOL LIBRARY: EDUCATIONAL SPACE FOR THE TRAINING OF READERS

Alexsandro Rosa Soares¹ (CESJF/FAETERJ Itaperuna)

Carla Nazaré Pascoal Moreira² (FAETERJ Itaperuna)

Dayana Santana Guerreiro³ (FAETERJ Itaperuna)

RESUMO: Tornar a leitura um momento de prazer para as crianças pode ser o início para que se tornem leitores. Sabe-se que a família oferece o primeiro contato de leitura do ser humano, todavia é indiscutível que, na escola, este pode ser estimulado. Para tal, a biblioteca escolar é um espaço privilegiado, onde o indivíduo pode usufruir de um ambiente harmonioso, possibilitando o desejo de ler. Contudo, nota-se que nem sempre, na escola, a biblioteca é um espaço-leitor e nem conta com profissionais especializados para mediar a aproximação do indivíduo com o livro. Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo geral demonstrar a importância da biblioteca no âmbito escolar e sua contribuição para a formação de seres humanos críticos e reflexivos. Como objetivos específicos, busca-se mostrar o percurso histórico da biblioteca rumo ao espaço educativo, investigar a realidade de algumas bibliotecas escolares, reconhecer a importância do preparo dos formadores de leitores; suscitar os motivos pelos quais as crianças são desmotivadas ao ato de ler e sugerir metodologias que podem promover o hábito de leitura de uma forma prazerosa. A pesquisa realizada nesse estudo foi bibliográfica, de cunho qualitativo e de levantamento. Utilizou-se como arcabouço teórico Milanesi (1983), Schwarcz (2002), entre outros, que corroboraram com essa investigação. Conclui-se ser importante o papel de todos os protagonistas do ato de ler, que a biblioteca é um espaço que pode suscitar a formação de leitores e que são muitas as estratégias que auxiliam na motivação do sujeito-leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca escolar. Formação do leitor. Leitura.

ABSTRACT: *Making reading a moment of pleasure for children can be the beginning for them to become readers. It is known that the family offers the first reading contact of the human being, however it is indisputable that, in the school, this can be stimulated. For this, the school library is a privileged space, where the individual can enjoy a harmonious environment, enabling the desire to read. However, it is noted that not always, in school, the library is a space-reader and does not rely on specialized professionals to mediate the approximation of the individual with the book. In view of the above, this article aims to demonstrate the importance of the library in school and its contribution to the formation of critical and reflective human beings. As specific objectives, the aim is to show the historical path of the library towards the educational space, to investigate the reality of some school libraries, to recognize the importance of preparing the formators of readers; to elicit the reasons why children are discouraged from reading and suggest methodologies that can promote the habit of reading in a pleasurable way. The research carried out in this study was qualitative bibliographical and survey.*

¹ Mestrando em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Área de concentração Literatura Brasileira, Linha de pesquisa Literatura brasileira: tradição e ruptura. Especialista em Administração Escolar e Supervisão Escolar(UCAM/RJ). Especialista em Docência do Ensino Superior(UNIFSJ/RJ) e Licenciado em Letras e Literatura da Língua Portuguesa(UNIFSJ/RJ). Atualmente, é professor do curso de Licenciatura em Pedagogia na FAETERJ Itaperuna e Professor de Língua Portuguesa e Literaturas da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: alexsandro.soares@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro de Itaperuna (FAETERJ-Itaperuna). E-mail: carla.pascoal3007@gmail.com

³ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro de Itaperuna (FAETERJ-Itaperuna) E-mail: dayana_guerreiro@hotmail.com

The theoretical framework was Milanesi (1983), Schwarcz (2002), among others, who corroborated this research. It turns out to be important the role of all the protagonists of the act of reading, that the library is a space that can provoke the formation of readers and that are many strategies that help in the motivation of the reader.

KEYWORDS: *School library. Formation of the reader. Reading.*

Introdução

A biblioteca como espaço informativo-educativo deve ser um ambiente que provoque o desejo de folhear um livro, que estimule a criatividade, dando apoio ao estudo e à pesquisa na busca de informação e conhecimento. Para tal, esta deve ocupar um espaço privilegiado dentro de qualquer instituição de ensino.

Infelizmente, não é o que se constata na maioria das instituições. São vários os motivos existentes para a biblioteca não ser o local que motive a leitura. Observa-se que grande parte dos espaços destinados a mesma não estão estruturados logisticamente como ambientes propícios a se permanecer e realizar uma leitura e/ou estudo, tornando-se espaços desmotivadores para o estudante. Diante dessa constatação, surge a seguinte indagação: qual a importância da biblioteca como um ambiente que pode suscitar o interesse no indivíduo a prática de leitura?

Este artigo justifica-se pela relevância da biblioteca no contexto escolar como um ambiente fomentador de leituras, no qual atuam as figuras do bibliotecário e do docente como mediadores fundamentais para o desenvolvimento da habilidade do ato de ler e, conseqüentemente, da escrita.

Tem-se como objetivo compreender mais sobre a relação biblioteca e escola. Como objetivo geral, pretende-se demonstrar a importância de uma biblioteca no âmbito escolar e sua contribuição para a formação de seres humanos críticos, reflexivos e criativos.

Partindo-se da hipótese de que a utilização da Biblioteca Escolar como ambiente formador de leitores na escola, a pesquisa foi desenvolvida da seguinte maneira. Em um primeiro momento, investigou-se a evolução histórica da biblioteca no Brasil com vistas a compreender tanto a finalidade quanto o percurso de implantação da biblioteca, principalmente no contexto escolar.

Viu-se a necessidade de averiguar ainda a realidade de algumas bibliotecas escolares de Itaperuna, situada na região noroeste fluminense do estado do Rio de Janeiro, para saber quais as reais condições dos estabelecimentos quanto ao acervo, ao pessoal e aos recursos logísticos. Seguiu-se na intenção de valorar o acervo e seu uso qualitativo, buscando os possíveis motivos de os discentes não se interessarem pela leitura e pelo espaço da biblioteca, bem como foi abordado o importante papel do docente e do bibliotecário como formadores de leitores.

Desse modo, aplicaram-se questionários específicos a docentes e a bibliotecários da rede pública de ensino do município de Itaperuna, e a discentes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Para finalizar, busca-se mostrar possibilidades na educação que colaborem para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura, garantindo-lhe uma aprendizagem significativa. Para tal, foram sugeridas metodologias que poderão mediar a prática de leitura de uma forma prazerosa, tendo como consequência do trabalho formador o desenvolvimento da competência do indivíduo para criar sua própria trajetória como leitor, exercendo sua liberdade de escolha.

1. Biblioteca no Brasil: percurso histórico deste espaço educativo

Segundo Cunha (apud SANTOS, 2012, p. 176), a palavra biblioteca é originária do grego *bibliotheke*, que chegou até nós por meio da palavra em latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente, significam livro e coleção ou depósito. Portanto, etimologicamente, designou-se que significa depósito de livros. De modo geral, a biblioteca é um local, seja concreto ou virtual, reservado a inúmeros materiais de tipos diversos, em escritas como as monografias, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas, manuais, entre outros, ou digitalizadas e arquivadas em CD, DVD, bancos de dados, entre outros.

No Brasil, a história da Biblioteca Escolar tem início nos colégios religiosos, pois foram os jesuítas que trouxeram os primeiros livros, os quais serviam de apoio às atividades docentes e catequéticas realizadas, principalmente, com os índios. De acordo com Milanesi (1983, p. 25-26), “Os jesuítas [...] formavam bibliotecas em seus conventos para ensinar e

SOARES, Alessandro Rosa; MOREIRA, Carla Nazaré Pascoal; GUERREIRO Dayana Santana. BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO EDUCATIVO DE FORMAÇÃO DE LEITORES.

aprender, utilizando os livros, sobretudo para a propagação da fé.”. Logo, a biblioteca escolar e o ambiente educacional sempre estiveram ligados à instituição igreja.

Os jesuítas estiveram à frente do ensino e da cultura e representaram forte influência no comportamento do leitor brasileiro até o dia de sua expulsão, ocorrida com a reforma feita pelo Marquês de Pombal, Ministro de Estado em Portugal, em 1759, quando as bibliotecas foram extintas e os livros tiveram outras finalidades: alguns dos livros retirados dos colégios ficaram amontoados em lugares impróprios, grande parte das obras foi roubada e, o pior, destruída e vendida como papel velho. Segundo Milanesi (1983):

Quando Pombal, em 1759, expulsou os jesuítas, substituindo-os por outros religiosos, os padres partiram, deixando aqui as suas bibliotecas. Praticamente abandonados, esses primitivos acervos foram levados à hasta pública. Algumas coleções perderam-se pela falta de conservação. Outras, sem compradores, foram utilizadas para outros fins que não os da leitura. (MILANESI, 1983, p. 27)

Fugindo das tropas napoleônicas, a Corte portuguesa, no dia 22 de janeiro de 1808, chegou a Salvador, seu refúgio no Brasil. Juntamente com a família real, foi trazida a primeira parte do acervo real.

Com os tesouros da corte, o rei incluiu em sua frota um precioso carregamento: a Biblioteca Real. Era formada por milhares de livros. Foi instalada, inicialmente, no Hospital da Ordem Terceira do Carmo e inaugurada em 1811. Três anos depois, com 60 mil volumes, foi aberta ao público. (MILANESI, 1983, p. 29)

Essas obras vieram divididas em três lotes: o primeiro, chegou no ano de 1808 junto com D. João VI; o segundo chegou ao país em março de 1811 junto com Luís Joaquim dos Santos Marrocos; mais tarde, deveria chegar o terceiro, mas não se sabem os motivos pelos quais nunca foram enviados. Estava formada, assim, a Biblioteca Real, depois, chamada de Biblioteca Nacional. Porém, precisava-se de um lugar para guardar os livros, mas não encontraram instalações adequadas. Por falta de espaço físico e iluminação, foi necessário utilizar porões, conhecidos como catacumbas naquela época, para guardar o acervo (SCHWARCZ, 2002).

Esse acervo era dividido em duas partes: a Biblioteca do Rei e a da Casa do Infante, esta segunda reservada aos príncipes. Mais tarde, foi denominada Biblioteca Imperial e Pública. Assim, continuaram as mudanças, sempre tendo novas aquisições.

Segundo Schwarcz (2002, p. 275), “O crescimento da biblioteca era evidente, principalmente após novas doações e compras”. A Biblioteca Real se engrandecia em quantidade e em qualidade, o conjunto inicial foi formado por 60 mil peças: obras, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas. Dentre as mais preciosas e inusitadas obras, os manuscritos se destacavam: Evangeliário⁴, os livros de horas, códigos sobre a administração colonial, mapas dos confins do Brasil com as terras da Coroa Espanhola na era meridional, desenhos originais de expedições científicas no Brasil, a gramática da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre da Igreja, entre outros. Além do valioso conjunto de obras, a Biblioteca Real está ligada à reconhecimento do Brasil como Pátria independente. As bibliografias e registros manuscritos e publicados continuam na Biblioteca Nacional, atualmente, no acervo de riquezas.

A Biblioteca Nacional foi classificada oficialmente pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) por sua valia histórica e grande número de peças do seu acervo, catalogada como a oitava maior do mundo. Está presente nela a melhor coleção de livros da América Latina, contendo mais de nove milhões de itens.

Com a Biblioteca Real, aconteceram importantes mudanças na colônia, antes definida por um retardo lastimável e pela falta de suporte estrutural, passou a ser alvo de transformações para melhoria das condições de existência e, depois, a ser Capital do Império Português. Começou a surgir diferentes tipos de bibliotecas com objetivos específicos, destacando-se o surgimento da biblioteca escolar.

Os livros já não eram encontrados unicamente na Biblioteca Real, integravam também várias instituições que recebiam os cursos superiores formulados pelo governo e que precisavam da criação de bibliotecas. Apesar deste avanço, apenas uma pequena parte da população tinha acesso às obras, o que privilegiava uma classe dominante à aquisição de conhecimentos postulados em tais acervos.

Em 1822, com a Independência do Brasil, a debilidade do contexto social e político provocou a transformação da colônia para um novo regime governado por D. Pedro I. De acordo com Milanesi (1983):

⁴ Segundo Houaiss (2001, p. 443) “Que ou aquele que ama os livros. Amante ou colecionador de livros raros e preciosos, ou de boas edições”.

Na época da Independência havia mais de 80% de analfabetos, certamente excluídos desse cálculo os índios e os escravos. Os sistemas de ensino então criados não foram capazes de superar em pouco tempo as deficiências acumuladas. A população era majoritariamente analfabeta. O segundo Reinado ofereceu um imperador bibliófilo, mas isso não alterou nada. No começo do século XX, o índice de alfabetizados não chegava a 30%. A República não mudou substancialmente a paisagem. Quem lia no Brasil no começo do século? Talvez os padres, os bacharéis, alguns profissionais liberais e estudantes. (MILANESI, 1983, p. 31)

Mesmo com as transformações ocorridas durante os anos que se passaram, o caráter evolutivo, no que tange a proliferação de bibliotecas e o acesso das pessoas continuou não sendo possível, tendo em vista a necessidade de controle do conhecimento. Haja vista que apenas após um século, mais especificamente, nas décadas de 1990, inicia-se o processo de expansão das bibliotecas escolares.

Depois de anos, tal expansividade aconteceu graças ao movimento de ampliação de ensino de modo geral, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais criado em 1997, quando se considerou o espaço da biblioteca escolar como um ambiente adequado para o incentivo à leitura e, por conseguinte, à ampliação de conhecimentos. Em outras palavras, passa a receber valor no cenário nacional, tornando-se parte das instituições de ensino como um todo.

No findar do século XX e no limiar do século XXI, houveram tentativas relevantes de mudar a concepção que se tinha da biblioteca escolar em nível global e nacional, a partir de ações desenvolvidas por meio do manifesto da UNESCO (1999), eventos e campanhas que incentivavam a leitura, e produções bibliográficas alinhadas às mobilizações políticas com o intuito de mudar o discurso e as ações em torno da biblioteca escolar.

Contudo, percebe-se que esse ambiente ainda é pouco aproveitado pelos protagonistas na formação do leitor, sejam estes docente e/ou bibliotecário. Além disso, o acervo normalmente está desatualizado e não contextualizado, o profissional responsável nem sempre tem formação na área, e quando tem, nota-se que, na maioria das vezes, não está apto para dinamizar o trabalho e incentivar o prazer de ler.

2. As perspectivas dos leitores-protagonistas: discente, docente e bibliotecário

A leitura compõe um dos processos fundamentais da educação, por meio do qual o indivíduo adquire novos conhecimentos, desenvolve habilidades de escrita, enriquece o vocabulário e amplia o raciocínio e a formação do senso crítico.

Tornar a leitura um momento de prazer para as crianças pode ser o início para que se tornem sujeitos leitores. O incentivo deveria vir de casa, porém, constata-se que, por diversos fatores, isso não ocorre. Portanto, o ambiente escolar deve ser estimulador, proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e com um acervo adequado à faixa etária. Além disso, é o espaço em que o trabalho em conjunto dos profissionais da instituição pode conduzir os alunos ao mundo da leitura.

A habilidade de leitura é posta em prática, todos os dias, em descrições nos rótulos de produtos, conversas virtuais, informações sobre as tarefas cotidianas, através de hipertextos⁵ e hipotextos⁶. Então, suscitam-se algumas reflexões acerca do que se considera um sujeito alfabetizado e/ou letrado. De acordo com Soares (apud CARVALHO, 2014):

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas, documentos, e muitos outros tipos de textos; podem também encontrar dificuldades para se expressar por escrito. Letrado [...] é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-la com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (SOARES apud CARVALHO, 2014, p. 65)

Desse modo, formar leitores é muito mais que alfabetizar, é incentivá-los ao gosto pela leitura como prática para o desenvolvimento das habilidades do ser humano. E a biblioteca faz parte desse processo de desenvolvimento do gosto da leitura.

Dada essa relevância, realizou-se entrevistas com 60 alunos do 4º e do 5º anos do Ensino Fundamental, com o objetivo de (re)conhecer suas opiniões sobre as bibliotecas escolares, e investigar as condições de uso para o incentivo à leitura, averiguando se o acervo oferecido está adequado aos seus usuários.

⁵ De acordo com Leão (2001, p. 15) é um documento digital composto por diferentes blocos de informações interconectadas. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os links.

⁶ Segundo Genette (2005, p. 18) significa “texto anterior”, ou seja, texto original.

Um dos questionamentos foi sobre qual motivo os levava à leitura? Do total, 25 crianças disseram que por iniciativa própria, 3 por indicação do professor, 4 por indicação de um amigo, 12 pelo título ou nome do livro, 9 pela capa e figuras e 3 quando o vê na biblioteca, 4 crianças não opinaram. Já sobre o que costumam fazer ao pegar um livro, 8 crianças disseram que ficam no início da leitura, 6 param na metade, 35 vão até o final e 7 só olham as capas e as figuras, no entanto, 4 crianças não responderam a essa pergunta. De modo geral, os alunos não costumam frequentar a biblioteca, alegando que não têm tempo, nem paciência, pois além de ser chato, estão muito cansados e têm dificuldades na leitura.

Também foi questionado se seus professores os levavam à biblioteca, 65% das crianças disseram que “não” e o que chama mais a atenção dos alunos são as redes sociais, não sendo a leitura o seu foco, mas sim Facebook, YouTube, Blogs, entre outros.

Observou-se nas respostas à entrevista, que, mesmo os alunos alegando gostarem de ler, muitos não se sentem motivados à leitura de livros, principalmente nas horas vagas quando dizem que preferem brincar, assistir TV, mexer no celular e internet.

Então, constata-se que, além de os professores incentivarem a leitura, faz-se necessário que a biblioteca chame a atenção dos alunos, valendo-se de recursos motivadores. Segundo o Manifesto da Unesco/IFLA (Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias):

Os alunos são o principal público-alvo da biblioteca escolar. [...] Os alunos podem usar a biblioteca para muitos e diferentes propósitos. Deve ser experimentada como um contexto de aprendizagem aberto, gratuito, livre e não ameaçador, onde podem desenvolver trabalhos de todos os tipos, individualmente ou em grupo. (2006, p. 18).

Quando se perguntou aos alunos como gostariam que a Biblioteca Escolar fosse, dos 60 entrevistados, 43 responderam que gostariam de uma biblioteca: “maior e mais fresca, com muitos computadores e jogos, com vários livros (diversificados e atrativos) novos, lugares para sentar e ler os livros, e que mudasse a cor da biblioteca para ficar linda”. Revelando a importância que os alunos dão ao aspecto logístico no ambiente.

Portanto, a escola deve buscar proporcionar um ambiente incentivador, que cultive a vontade de ler, com um espaço que seja adequado, com muitas cores, livros infantis coloridos, com animações e que chamem a atenção deles para a leitura.

Ficou claro que a biblioteca escolar atende melhor as dificuldades dos usuários quando os profissionais trabalham em equipe. É importante que professores e bibliotecários conheçam a biblioteca da instituição na qual trabalham e que estabeleçam diálogo entre si para que busquem metodologias que promovam a leitura. Nos relatos dos 15 professores de 4º e 5º anos das escolas entrevistadas, referente às atitudes mais frequentes que eles utilizavam para incentivar o aluno a ler, foi mencionado que requisitavam livros relacionados com temas da disciplina trabalhada, utilizando a Biblioteca Escolar com os alunos em situações de leitura, fazendo empréstimos domiciliares com a turma, recorrendo a materiais de leitura (informativo e/ou ficção) para as aulas, além de filmes e vídeos.

De acordo com 85% dos entrevistados, consideram que a Biblioteca tem impacto nas competências de leitura dos seus alunos, como melhoria das competências de compreensão, aumento na diversidade das escolhas no sentido das opções mais extensas e complexas, aumento do gosto pela leitura, melhoria no nível da oralidade.

Já no campo tecnológico, de acordo com as escolas entrevistadas, estas estavam em processo de preparo para trabalharem com o universo digital, tendo em vista a escassez dos recursos providos para tal. E quando os docentes foram questionados sobre as maiores dificuldades do fomento à leitura na era tecnológica, foi dito que:

Os alunos preferem usar a linguagem tecnológica e a escola não oferece material próprio para o mundo informatizado, e os alunos passam a querer usar a linguagem própria deste mundo, nas suas produções: Ex: vc, kd, entre outros. (Professora de Português)

Outra professora diz que a maior dificuldade é:

A pressa. As crianças na Era tecnológica tem preguiça de parar para ler tudo, é rápido no computador e celular, e as informações são mais fáceis do que no livro. (Professora de matemática)

Outra importante figura que faz parte no processo de incentivo aos alunos é o Bibliotecário, que cuida da organização e da manutenção do acervo das bibliotecas escolares. Milanesi (1983, p.87) diz sobre os bibliotecários que “são estes que organizam o espaço e os serviços para receber e servir ao usuário-estudante. [...] O bibliotecário é mais do que um guarda-livros. Ele é um guia, principalmente dos mais jovens”.

O bibliotecário escolar deve ser flexível e paciente para acolher o propenso leitor de forma que este não desista do ato de ler. Ainda, de acordo com o Manifesto da Unesco/IFLA (2006, p.13;14), o bibliotecário tem certos deveres e espera-se que cumpra o seguinte:

- analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços;
- desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca;
- catalogue e classifique documentos e recurso em geral;
- forme para a utilização da biblioteca;
- forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação;
- apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação;
- dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados;
- promova programas de leitura e eventos culturais;
- participe em atividades de planificação relacionadas com a gestão do currículo;
- participe na preparação, promoção e avaliação de atividades de aprendizagem;
- promova a avaliação de serviços de biblioteca enquanto componente normal e regular do sistema de avaliação global da escola;
- construa parcerias com organizações externas;
- prepare e aplique orçamentos;
- conceba planeamento estratégico;
- faça a gestão e a formação da equipe da biblioteca.

Os professores entrevistados informaram que “não existe nenhum responsável pela biblioteca escolar”. Apenas em uma das escolas, há uma profissional que anota os nomes de todas as crianças que pegam livros emprestados da biblioteca, porém não é bibliotecária. De acordo com essa profissional, “a biblioteca não tem nenhum projeto de leitura elaborado pela escola, mas a Secretária de Educação manda um Projeto (feito com diversos autores) para que a instituição realize”. Então, todo ano, as instituições do município se juntam para apresentação desse projeto.

Também foi questionado aos professores sobre o estado de conservação da Biblioteca Escolar e o resultado foi unânime:

- Livros e ambiente (arejado e iluminado) – Regular;
- Brinquedos Educativos e Recursos Tecnológicos – Inexistente;
- Revistas, Jornais, Gibis e Audiobook – Inexistente

De acordo com Kuzuyabu (2017):

Atualmente, 24% das Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis) têm salas de leitura, [...] mas na rede pública brasileira como um todo, considerando as escolas que oferecem educação infantil, esse número é ainda menor: 13%. O percentual das que possuem bibliotecas é ligeiramente maior, mas não chega a 20%.

A escola não deve se restringir apenas a ser transmissora de conhecimentos que podem estar desatualizados antes mesmo de os alunos terminarem o Ensino Fundamental. Deve-se dar oportunidades ao estudante de aprender ao longo de sua vida. Professores e bibliotecários devem trabalhar juntos, planejando situações de aprendizagem, que motivem os alunos, acompanhem seu progresso, orientando-os no desenvolvimento de competências informacionais. De acordo com o Manifesto da Unesco/IFLA (2006, p. 12), os professores e bibliotecários trabalham em conjunto para atingir o seguinte:

- desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do currículo;
- desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação;
- desenvolver planificações de atividades letivas;
- preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais;
- integrar tecnologias de informação no currículo;
- explicar aos pais a importância da biblioteca escolar

Nota-se, então, a importância de uma escola com profissionais preparados para a chegada dos alunos, para assim provocar não só o hábito, mas também o gosto pela leitura, pois se percebe com esta pesquisa que as escolas ainda deixam a biblioteca, quando existente, apenas como depósito de livros, e os professores não trabalham juntamente com os bibliotecários, buscando dinamizar o acesso, e, conscientizar os alunos da importância da leitura no cotidiano.

Observa-se também que os professores não costumam estimular o aluno a ler, preocupados com a exposição dos conteúdos estabelecidos pelo currículo. Isso posto, faz-se necessário um acompanhamento, e formações continuadas, que viabilizem métodos que possam auxiliar os docentes no desenvolvimento de suas atividades, aliando os conteúdos propostos com as leituras essenciais na aquisição de conhecimentos novos.

3. A biblioteca como espaço de formação de leitores

Por meio desta pesquisa, considera-se que a biblioteca escolar, hoje, deveria ter como meta principal ser um instrumento que contribuísse para o desenvolvimento de ensino e aprendizagem, sendo um meio de acesso gratuito ao livro, ajudando positivamente no rendimento escolar dos alunos, aumentando o nível de conhecimentos, competências e capacidade em leitura, além de favorecer as habilidades de escrita e de argumentação.

O acesso a leituras, possibilita a mediação de formação de sujeitos que consigam discutir, com criticidade, sobre vários temas; e, pode desenvolver valores essenciais para o bom convívio social permeando a responsabilidade, a paciência, a criatividade e a cidadania.

A interação tríade entre livros, leitores e leituras na escola, transforma a biblioteca em um ambiente propício para se praticar a aquisição de conhecimentos que incita o pensar e a reelaboração de ideias, que certamente colaboram para a formação biopsicossocial do sujeito.

Não é suficiente apenas colocar à disposição das crianças os livros para que elas entendam a magnitude da riqueza de cultura e sintam-se atraídas pela leitura. Percebe-se que não se têm conseguido resultados esperados no que diz respeito a propostas metodológicas de estimular a leitura, uma vez que se importam, primeiramente, com a expansão do acesso, mas não se preocupam tanto com as questões significativas quando o assunto é formar leitores, muitas vezes, empenham-se na quantidade e deixam de lado a qualidade nas várias situações de leitura. De acordo com Kuhlthau (2009, p. 31):

Há alguns passos que devem ser seguidos para ajudar as crianças a pensar e falar sobre os significados de uma história. Por exemplo, faça-as contar com suas palavras o que aconteceu em uma parte da história ou peça para várias crianças descreverem a mesma passagem. Isso também dá oportunidade de exercitar a exposição oral, que deve começar bem cedo e intensificar-se posteriormente. Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo, e isso é conquistado em ambientes favoráveis à manifestação dos pensamentos, sentimentos e emoções.

O hábito de ler por ser provocado, quando a ação do docente media o desenvolvimento de um indivíduo apto a relacionar-se com o que lê e que esteja pronto a envolver-se verdadeiramente nessa atividade da leitura, intervindo de modo interativo, procurando recuperar, interpretar criticamente os conhecimentos disseminados pelo autor. Segundo Kuhlthau (2009, p.32):

A habilidade principal da leitura é a compreensão. Compreender é entender ou encontrar significados no que está sendo dito. É bom lembrar que não há uma interpretação única do texto, um único significado: eles são construídos pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que este traz para o texto.

Sendo assim, o professor pode cooperar através da organização de metodologias, para que o discente cresça intelectualmente, pondo-se, efetivamente, como mediador do conhecimento textual literário do estudante, e não apenas, como mero incentivador que valoriza aspectos irrelevantes que são postos em prática quando o assunto é leitura, como por exemplo, a proposição de análises sintáticas de determinada obra. Segundo Solé (1998):

Suscitar a necessidade de ler, ajudando-o a descobrir as diversas utilidades da leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa. Proporcionar-lhe os recursos necessários para que possa enfrentar com segurança, confiança e interesse a atividade da leitura. (SOLÉ, 1998, p. 114).

Desse modo, a leitura deve oferecer significado. É necessário que o professor ofereça aos educandos meios e assistência básica para a formação de leitores, auxiliando-os a encontrar os diversos benefícios de ler. Solé (1998) aponta algumas propostas na leitura:

Para que vou ler? Ler para obter informação: É a leitura que realizamos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa. [...] Ler para seguir instruções: Nessa leitura é permitido fazer algo concreto como; ler regras de um jogo, receitas, etc. [...] Ler para obter uma informação de caráter geral: Esta é a leitura quando se quer saber de que trata um texto, com as ideias gerais. [...] Ler para aprender: Leitura para ampliar conhecimentos. [...] Ler para praticar em voz alta: Pretende-se que os alunos leiam com clareza, rapidez, fluência e correção. [...] Ler por prazer: Leitura por prazer associa-se a leitura de literatura, o prazer é algo absolutamente pessoal. (SOLÉ, 1998, p. 92-99).

Percebe-se, a partir da citação acima, a importância de se fazer estratégias para a formação de um leitor, pois a leitura se dá pela interação do sujeito com a escrita, com o autor, com o tema, e com a compreensão do que está envolto a história.

Nesse cenário, o docente deve direcionar o educando, auxiliando-o a constatar a forma mais apropriada de solucionar enigmas, averiguar contextos e associar conhecimentos, proporcionando que ele encontre suas próprias opções e as confirme, assegurando um conhecimento relevante.

Para isso, o professor deve reavaliar sua metodologia, sua comunicação com os discentes, as experiências vividas com as atuais, dentre outros fundamentos, levando em consideração, também, as experiências do educando, associadas as outras vivências que ratificariam, para o estudante, a relevância de ler, causando reflexão e aperfeiçoando sua capacidade de raciocínio.

A maturidade linguística e o contexto cultural são, desse modo, determinantes. A articulação fonética na primeira leitura de palavras deve, portanto, referir-se a objetivos e temas conhecidos. Isso prepara a criança para aprender a combinação de palavras que gera significados identificáveis e coerentes com uma imagem ou situação. (KUHLTHAU, 2009, p.32).

Os docentes necessitam instigar os aprendizes a desenvolver a leitura. Nas etapas iniciais da instrução, é interessante que tenha livros na sala, transformando-a em um local apropriado para o interesse, já que há o convívio maior com uma professora. E que o conhecimento não seja impositivo, para não se transformar em um ato maçante e desestimulador.

Se não tiver essa oportunidade de livros na sala, que o docente leve os estudantes até a biblioteca. De acordo com Carvalho (2014, p. 83):

Proponho que a sala de leitura seja um local de consulta, de estudo e de entretenimento para a comunidade escolar; seja dirigida por uma professora especializada, em tempo integral, cujo trabalho possa ser articulado com as atividades de aula; deve estar localizada em um espaço próprio, amplo, atraente e agradável, que ofereça condições satisfatórias para a guarda do acervo e de conforto pra leitores. Essas transformações dependeriam de recursos financeiros? Sim, mas não se pode oferecer educação de qualidade a preço vil.

Há diversas atividades que podem ser inseridas para que o aluno interaja com os livros, e que os professores saibam planejar essa interação, como: contação de histórias, montar laboratórios de leitura, exposições, semana do livro, cinemateca, reunião com autores, composição de murais temáticos. O professor não deve empregar a leitura para completar formulários, finalizar o tempo de aula, ou algo similar.

A leitura precisa conquistar seu lugar, dando m destaque especial à dimensão estética, despertando no aprendiz a criatividade e o interesse pela obra. Além do mais, a leitura aperfeiçoa a atuação do aluno, devido à importância da interpretação textual em todas

as matérias. A leitura necessita se transformar em um costume, para tal, é indispensável que ela faça parte dos hábitos da família. Segundo Moraes (2013, p.4; 5)

[..], as experiências de “literacia” vividas em casa, em idade pré-escolar, têm efeitos a longo prazo. Um estudo mostrou que a leitura de histórias nessa idade tem uma relação indireta com a compreensão em leitura no 4º ano de escolaridade e com a frequência de leitura pelo prazer de ler relatada pelas mesmas crianças. Também se observou que as crianças mais atentas durante a leitura partilhada são as que mais tarde, sozinhas, tendem a ler mais.

É fundamental ler para as crianças. O fascínio pela leitura se inicia nessa relação, nessa motivação. O indivíduo participa do mundo dos contos, é atraído e introduz a vontade de se apropriar da leitura e de se transformar em um leitor. Contudo, para apreciar a leitura, é necessário ler bem, e para isso deve-se ter recursos que proporcionem um trabalho ativo de criação e imaginação.

Formar leitores exige um investimento relevante na estruturação de uma comunidade que partilha seus textos, suas expectativas a respeito de obras lidas e estabelece uma trajetória própria de leitor, mediada pelo professor e, mais tarde, com sua autonomia.

Considerações finais

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou verificar a instauração de bibliotecas, inclusive as escolares, no transcorrer da história. Permitiu também obter, mediante uma pesquisa de campo, informações mais consistentes de como a biblioteca escolar funciona na atualidade e os motivos que geram o desinteresse dos alunos pela leitura. Oportunizou, ainda, o conhecimento de como proporcionar ao aluno uma leitura mais significativa através de metodologias integradoras e estratégias de leitura.

Por intermédio deste artigo, busca-se que o leitor compreenda que a motivação de frequentar um ambiente de leitura existe, porém há muito o que aperfeiçoar para que proporcione o interesse dos estudantes buscá-lo como fonte de acesso ao conhecimento, principalmente diante do avanço tecnológico.

De fato, uma boa parte das bibliotecas escolares, hoje, ainda não são modelos ideais que favorecem a leitura; ora por problemas no acervo e na logística, ora por nenhuma programação que contemple o interesse dos alunos ao ponto de desejarem permanecer lendo

naquele espaço. Mediante essa pesquisa, foi possível averiguar que a ausência de um bibliotecário, que promova a interação entre o ambiente e o indivíduo, pode ser um dos entraves que impossibilitam a constituição do aluno-leitor nesse espaço educativo.

Sabe-se que um dos protagonistas na mediação leitora é o professor, que acolhe, incentiva e lê junto com os alunos, dialogando com clareza e ousadia na seleção de livros que despertariam o interesse, almejando, assim, uma aproximação dos livros com os leitores. Porém, o excesso de afazeres e de alunos impossibilita sua ação de maneira mais eficaz, sendo que precisa cumprir o currículo estabelecido.

Já o bibliotecário deve ser um leitor motivador na formação de leitores, envolvendo-se e desempenhando seu ofício, que não se limita somente a gerir a biblioteca quanto à organização do acervo, como também transformar esse ambiente escolar em um amplo centro educativo-informativo, dinâmico e agradável buscando que este se transforme em um espaço colaborativo importante no desenvolvimento educacional e de incentivo à leitura.

Por fim, constata-se ser imprescindível a realização de projetos no âmbito da biblioteca escolar, que incentivem o aluno a realizar leituras também fora da escola e, assim, possibilite ter uma familiaridade com os variados gêneros literários, provocando uma dinamicidade do acervo literário e a revitalização da biblioteca como um verdadeiro espaço educativo de formação de leitores.

REFERÊNCIAS

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação:** lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos:** a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Coutinho. Belo Horizonte: UFMG, 2005

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SOARES, Alessandro Rosa; MOREIRA, Carla Nazaré Pascoal; GUERREIRO Dayana Santana. BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO EDUCATIVO DE FORMAÇÃO DE LEITORES.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KUZUYABU, Marina. Por que o fechamento de salas de leitura e bibliotecas na educação infantil não pode virar uma tendência. **Revista Educação**. Ed. 240, 23 de Jun. de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/por-que-o-fechamento-de-salas-de-leitura-e-bibliotecas-na-educacao-infantil-nao-pode- virar-uma-tendencia/>>. Acesso dia em: 02 jul. 2017

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Manifesto UNESCO/IFLA sobre a biblioteca escolar. Disponível no site: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2017

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORAIS, José. **Criar leitores: para professores e educadores**. 1ª. ed. Barueri, SP: Minha editora, 2013.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. 2012. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 23/07/2018
Aprovado em 11/01/2019